



Gabinete do Arcebispo Primaz

DISCURSO

Ref. DSC_04/2022

Discurso na abertura do
Congresso Internacional sobre os
Seminários Católicos

Braga, Espaço Vita, 16.nov.2022, 10h00

Erguendo os olhos e vendo

«Não dizeis vós: “mais quatro meses e chega a ceifa”? Eis o que vos digo: levantai os vossos olhos e observai os campos; já estão dourados para a ceifa. Quem ceifa recebe a recompensa e recolhe fruto para a vida eterna, para que se alegrem juntamente o que semeia e o que ceifa. Nisto, de facto, é verdadeiro o dito: “um é o que semeia, e outro o que ceifa”. Eu enviei-vos, a ceifar aquilo pelo qual não vos afadigastes; outros se afadigaram, e vós entrastes na sua fadiga» (Jo 3, 35-38).

«E, levantando os olhos ao céu para Vós, Deus Pai todo-poderoso» (OE I).

1. Seminário, coração da Diocese

Seminário é o nome dado ao tempo e ao espaço de formação dos Presbíteros. No primeiro milénio da história da Igreja, a formação não estava institucionalizada, incumbindo a cada Bispo a formação dos seus Presbíteros, embora existissem escolas episcopais e paroquiais de formação do clero. No segundo milénio e com o aparecimento das Universidades e com outros colégios ligados às ordens religiosas a formação sacerdotal foi melhorando, faltando, contudo, uma programação orgânica acerca do percurso integral desta formação.

A origem do Seminário, com a configuração hodierna, remonta ao Concílio de Trento (1545-1563), que prescreveu a necessidade de os ministros católicos receberem uma formação humana, espiritual, intelectual e pastoral sólida.

Em Portugal, o primeiro a executar a determinação tridentina foi o Arcebispo Santo de Braga, Bartolomeu dos Mártires. Ao regressar do Concílio, em 1564, lançou-se à obra, mas só em 1572 foi inaugurado o Seminário Conciliar em Braga. Seguiram-se os Seminários de Lisboa, Évora, Viseu, Portalegre, Funchal, Miranda do Douro, Leiria, Coimbra, Elvas, Algarve, Lamego e Porto.

Pela sua particular identidade, o Seminário é justamente apelidado de coração da Diocese. Como tal, está no centro da sua oração, da sua solicitude e da sua solidariedade, até económica. De certo modo, podemos também dizer que deste coração da Igreja Local se formam os pastores segundo o coração de Deus. O Concílio Vaticano II (1962-1965), ao falar da formação sacerdotal, dirigiu-se diretamente



aos sacerdotes nestes termos: «*todos os sacerdotes considerem o Seminário como coração da diocese e prestem-lhe de boa vontade a própria ajuda*» (*Optatam Totius* 5) e determinou que cada Conferência Episcopal estabelecesse as normas fundamentais para a formação sacerdotal.

2. Seminário, um tempo e um espaço

Além de ser o coração da Diocese, «*o Seminário apresenta-se como um tempo e um espaço, mas configura-se sobretudo como uma comunidade educativa em caminhada: é a comunidade promovida pelo Bispo para oferecer, a quem é chamado pelo Senhor a servir como os Apóstolos, a possibilidade de reviver a experiência formativa que o Senhor reservou aos Doze*» (*Pastores Dabo Vobis* 60).

Na verdade, o Seminário representa para a Igreja Local um dos bens mais preciosos, porque a renovação do presbitério é determinante para a vida de uma Diocese. Todavia, a cultura dominante e globalizada tende a desfigurar o presbítero da sua essencial dimensão mistérico-sacramental, que faz cair nos perigos do ativismo, do funcionalismo, do clericalismo e da planificação mais empresarial do que pastoral.

Etimologicamente, a palavra Seminário significa, viveiro e sementeira, ou seja, um tempo e um espaço de alfobre e sementeira de vocações para o sacerdócio ministerial. O Seminário é tempo de estudo, de discernimento e de formação integral na preparação para a vida sacerdotal.

3. Que Seminário para hoje?

A resposta a esta inquietação relaciona-se intimamente com uma outra questão. Que perfil de padre se quer formar para hoje? O Seminário continua a ser a escola do Evangelho da Vocação que forma os futuros Presbíteros, para seguirem o único Mestre que é caminho, verdade e vida.

A sociedade, a família, o Seminário estão a passar momentos de grandes mudanças, que exigem um repensamento e sentido de pertença e identidade. A Europa vive um tempo de 'crise vocacional'. No entanto, numa situação de mudança é necessário tomar uma decisão para seguir com esperança.

O caminho da esperança tem de ser percorrido na vivência do próprio ministério quotidiano, fundamentado na Eucaristia, na Reconciliação, na Liturgia das Horas, na *Lectio Divina*, na adoração eucarística, no silêncio, no estudo, na escuta e acolhimento, na visita às famílias, especialmente às pessoas doentes, na formação permanente, na caridade pastoral, na fraterna comunhão, na oração, na cooperação com o bispo e por tantas outras formas que a Igreja recomenda e que cada presbítero poderá seguir no exercício feliz do ministério recebido como inestimável dom e mistério, conforme a feliz expressão de S. João Paulo II «*do mistério ao ministério*» (*Pastores Dabo Vobis* 74).



4. A proximidade da sacramentalidade

As 15 conclusões do congresso internacional sobre o Presbítero: “à escuta da Palavra”, realizado em Braga, de 12 a 15 de janeiro de 2010, comemorando os 450 anos da fundação do Colégio de S. Paulo, atual edifício do Seminário Conciliar, remataram com uma última consideração:

«a hora de mudança e de transformações rápidas na sociedade e na Igreja exige claramente novos modos de organização da vida eclesial e novos estilos diversificados de exercício do ministério presbiteral. Os caminhos a percorrer e as decisões a tomar hão-de ser procurados, em comunidade, na escuta atenta da Palavra que nos salva e do seu rumor nas plurais palavras humanas».

A sacramentalidade é o rasgo mais expressivo do ministério presbiteral. Com razão afirmou K.-H. Menke: *«não é pelo facto de que alguém possa desempenhar determinadas funções ou, de facto, as realiza; não é porque alguém seja teologicamente competente e retoricamente dotado, que é dirigente da comunidade, mas porque, através da imposição das mãos do bispo, lhe foi dada essa função. Cristo é a cabeça da Igreja, e isso deve tornar-se visível estruturalmente».*

Será que é a sacramentalidade a atitude fundamental que determina a ação da Igreja? A nossa ação pastoral não estará sujeita ao mote de Marc Twain: *«quando os caminhantes, por fim, perderam a orientação, duplicaram a velocidade da marcha?»*

Todas as crises que hoje experimentamos aludem para o seguinte: *«a Igreja voltará a ser minoria, numa sociedade orientada noutra sentido»* (G. Greshake). Por outro lado, temos consciência que o *«êxito não é nenhum dos nomes de Deus»* (M. Buber).

A proximidade é consequência da sacramentalidade. Não se diga do Pároco, o que às vezes se ouve: *«ele anda por todo o lado e não está em lado nenhum».*

5. Vê a que madrugadas

O tempo é problemático e complexo. *«Desperta, abre os olhos e vê a que madrugadas»* (Padre António Vieira). É feliz e desafiadora a frase de D. Hélder da Câmara: *«quanto mais negra é a noite mais carrega em si a madrugada».*

Uma formação integrada e integral é o chão da vida do Seminário na Igreja atual para fazer sinodalidade juntos com o Presbitério e o Povo santo de Deus. O processo sinodal em curso terá a capacidade para imaginar um futuro diferente para a Igreja?

Ser uma lâmpada ardente e luminosa é um grande propósito ao estilo do Arcebispo Santo, Bartolomeu dos Mártires, fundador do nosso Seminário conciliar.

Os seminários encontram-se numa encruzilhada! Requerem atenção apurada. Espelham a Igreja à procura de se compreender, com perceptível fadiga institucional e falta de clareza. E, à medida que o êxodo de cristãos se acentua, de jovens e adultos em particular, diminui a plausibilidade de haver



candidatos aos Seminários. Porém, o campo das problemáticas alastra-se aquém e além da demografia.

Se acreditamos que ainda é válida a figura de presbíteros totalmente dedicados à construção da comunidade eclesial – e há ainda motivos sérios para responder positivamente – então será possível, pelo menos *ad experimentum*, imaginar um ministério evangelicamente mais singelo e uma formação ao ministério diferente em relação ao seminário atual?

Os padres de hoje são aqueles a quem cabe gerir a fase *pós-conciliar* e *pós-moderna*. Não pode ser repensada a figura do presbítero? Não será que se não for repensada, também não serão repensados os seminários?

O Bispo D. Tonino Bello dizia com grande sabedoria: «*Só quem sonha pode evangelizar*». Mesmo uma Igreja ferida é capaz de sonhar....

† José Cordeiro, *Arcebispo Primaz*